

## A VIAGEM DE FERNÃO DE MAGALHÃES E AMERIGO VESPUCCI.

---

Apreciando com a habitual imparcialidade a viagem de Fernão de Magalhães, o notável americanista norte-americano Henry Harrisse (1) assim se manifesta:

“Homens honestos, eruditos, tomaram o partido de diminuir Cristóvão Colombo e o momento foi bem escolhido. Apressemos-nos a acrescentar que eles não têm mais razão que os outros”.

“Nas recentes histórias da época denominada “o século das descobertas”, surge quase sempre a questão do “Príncipe dos navegadores” e de seus altos feitos que nada seria capaz de igualar. Para o comum dos mortais, o primeiro nome que vem aos seus lábios com louvores, é aquêlê de Cristóvão Colombo. Mas o comum dos mortais se engana. Esse marinheiro incomparável, o maior de todos, é Magalhães. Quanto ao Genovês “nada de mais insignificante” que sua viagem, comparada à expedição do herói português (2). “Quase sob todos os pontos de vista, o confronto é em favor dêste último” (3). Enfim, a Magalhães pertence a glória “de ter realizado a mais maravilhosa viagem da qual a História guarda lembrança”. Parece um sonho ouvir semelhantes hipérboles”.

“Uma vez que esses escritores, empolgados mais do que convinha pela sua tese, levam o paradoxo até pretender que a soma de iniciativa, de ciência náutica, de coragem, de gênio, despendida por Magalhães supera em muito aquela que, até agora, os ingênuos atribuem a Cristóvão Colombo, nós vamos examinar aqui, de perto, a obra de Fernão de Magalhães”.

“Quando Colombo, Vespucci, Côrte-Real e Caboto propuseram, pela primeira vez, atravessar o Oceano Atlântico, eles só tinham uma idéia: atingir a extremidade orien-

---

(1). — Christophe Colomb devant l'Histoire, Paris, 1892, páginas 78 a 85.

(2). — The Discovery of North America, with some account of Ancient America and the Spanish Conquest by John Fiske. Boston-London, 1892, tomo II, páginas 187, 210.

(3). — The Life of Ferdinand Magellan and the first circumnavigation of the globe, by F. H. H. Guillemand, London, 1890, página 258.

tar da Asia. Essa costa asiática estava perfeitamente definida nos seus espiritos, segundo as noções geográficas da época. Êles a representavam pouco distante da Europa, porque então acreditavam que a terra era um quarto menor do que ela o é realmente, com seis partes de terra firme e uma parte sòmente de mar. Quanto aos contornos que faziam face à Europa, eram aquêles do mapa-múndi de Ptolomeu, modificados e com os topônimos de acôrdo com a narração de Marco Polo”. Não sabemos se alguma vez houve leitores desprovidos de senso comum para transladar pela imaginação sob um mapa moderno a rota seguida por êsses navegadores e tirar desta comparação as conclusões absurdas que recentes escritores dizem haver sido aceitas por todos (4); mas o certo é que Humboldt, Peschel, Kohl, M. d’Avezac e todos os geógrafos pensam de modo diferente. E’ no globo de Behaim, ou seu equivalente, e nos mapas-múndi do século XV, onde êles procuraram sempre seus pontos de referência, pois foram êsses que Colombo e seus êmulos haviam consultados. Toscanelli acrescentou neles ilhas imaginárias, a título sòmente de escalas, e colhidas nos portulanos da época, sem se afastar dêsse modo, da idéia geral. O que se deve dizer, é que, contrariamente a opinião divulgada em nossos dias, João Caboto, Amerigo Vespucci, Gaspar Côrte-Real, e o próprio Colombo, não tardaram a se convencer de que tinham abordado, não a costa oriental da Ásia, na China ou no Japão, mas sim em regiões perfeitamente desconhecidas, separadas da costa asiática, precisamente num novo continente. Não se deve imaginar que êsses audazes e experimentados marinheiros tivessem menos espirito que nós. Desafiando mil perigos nessas regiões longínquas, êles não propunham certamente resolver problemas de geografia. O ouro, as pérolas, a sêda, as especiarias, eis qual era o único objetivo de tanto esforços e sacrifícios. Advinha-se, pois, sem dificuldade, qual foram as suas impressões ao depararem com as costas desoladas do Lavrador, com as florestas de pinheiros e de bétulas do litoral canadense, ou com as praias arenosas das Guianas e do Brasil. Êles não encontraram nem pimenta, nem canela, nem ruibarbo, nem pérolas, nem grandes pepitas de ouro. Palhetas apresentadas nas palmas das mãos por alguns indígenas, de mica ou de pirite de ferro que êles supuseram metal precioso, foram as únicas recompensas. Os habitantes, em vez de senhores com turbantes, ricamente vestidos de sêda e passeando em palanquins, como uma interpretação bastante natural que levava a crer nas narrações de Marco Polo, eram peles-

---

(4). — E’ o que êles chamam the bondage of the modern map (?).

vermelhas morando em choças, sem outra riqueza que um arco e sua aljava ou uma zarabatana”.

“Dêsse modo o primeiro pensamento dêsses audaciosos aventureiros foi de procurar mais longe e sempre mais longe. Foi assim que, num espaço de tempo muito curto, êles chegaram a explorar uma vasta extensão de costas sem nada encontrar, naturalmente, o que procuravam, mas com a convicção de que essas regiões selvagens se prolongavam quase de um polo a outro. A carta do veneziano Pasqualigo, transcrita nos *Diarii* de Marino Sanuto, relatando desde 1499 que as terras setentrionais se prolongavam ao sul até as Antilhas pertencentes à Espanha, é um comêço de prova” (5).

“A idéia de uma vasta terra continental não excluía aquela da existência de um estreito dando passagem do Atlântico ao mar das Índias. Assim a História nos ensina que os marinheiros espanhóis e portugueses, desde os primeiros anos da descoberta da América, esquadrinhavam os golfos e as embocaduras dos rios à procura dessa passagem que foi o grande problema da época”.

“Colombo que tinha obrigado as equipagens e os chefes a declarar perante o notário, sob pena de terem as línguas cortadas, que se podia ir por terra de Cuba à China, capacitou-se logo do seu primeiro êrro. No momento em que seus tabeliães lavraram o têrmo, a dúvida começou a nascer no seu espirito. E’ o que se vê pelo ato arbitrário que proíbe a um sábio eclesiástico, que o havia acompanhado, de retornar à Espanha”. O abade de Luxerna, grande cosmógrafo, não partilhava das idéias do Almirante. Êle acreditava, ao contrário, como muitos de nós, que Cuba não era um continente, mas sim uma ilha”, diz Miguel de Cuneo, testemunha ocular, que aliás acrescenta esta reflexão característica: “E Colombo opôs-se a sua volta temendo que suas divulgações levassem Suas Majestades a abandonar a empresa” (6). Isso se passava em 1494. Na viagem de 1498, êle se pôs sem hesitar a procurar o estreito indispensável. Por uma coincidência curiosa, Colombo acreditava poder encontrá-lo justa-

---

(5). — Veja os capítulos sobre os navegadores desconhecidos e as navegações clandestinas no fim do século XV, no nosso livro *Discovery of North America*, páginas 77 a 133.

(6). — E il S. Armirante dice che trouara maior fortuna e pegiori il Cathayo, et di questo molto staua in argumento cum uno abbate de Luxerna... bono astronomo et cosmografo... lui diceva de non ma era che molto grande isolò. A la quale sententia, cinsiderata la forma del nostra nauicamento, le più parte de nuy altri se accordauamo; et per questa casone el S. Armirante non lo ha voluto lassar venire in Spagna cum nuy à ciò che demandato di parere da la Majestà del Ré non cansasse cum la sua risposta che dicto Ré non habandonasse la interpresa. (De nouitanti bus Insularum ocaeni Hiper. Reperter, a Don Xpoforo Columbo Genuensi. Manuscrito da Universidade de Bolonha, Códice 1.C2).

mente no local onde nós abrimos o Canal do Panamá; sem que elle tivesse contudo suspeitado da existência de um istmo que se tornou tão famoso. Foi vinte anos depois que Magalhães descobriu a passagem tão procurada. Qual era nessa época os conhecimentos da geografia e das ciências náuticas, factores primordiais para resolver um problema dessa natureza? A principal dúvida tinha sido dirimida depois de um quarto de século. Isto é, que as regiões além do Oceano eram reconhecidas abordáveis, mesmo de acesso fácil. Mais de 300 expedições espanholas, portuguesas, inglesas e francesas tinham atravessado o Atlântico; numerosos navios pertencentes à particularidade, sem autorizações, navegavam sem cessar. Em realidade, ia-se então ao Brasil quase tão facilmente como em nossos dias. Tudo decorre desse primeiro facto que não remonta certamente à Magalhães, mas sim à Colombo. E' por isso que a imaginação não pode apresentar o grande navegador português realizando sua memorável descoberta, se o navegador genovês não tivesse pelo seu exemplo, inspirado o projecto e por seus successos traçado o caminho".

"Desde 1501, os portuguezes tinham explorado a costa oriental do Novo Mundo até a Patagônia argentina, talvez ainda mais ao sul, e os navegadores, vendo como o continente se estreitava nessas latitudes, não podiam senão presumir uma terminação pouco distante. De outro lado Nunes Balboa, do cume dos Andes, havia descoberto o Oceano Pacifico. Não mais em teoria, mas sim por experiência própria, sabia-se que a América não era ligada à Ásia, velho e effémero erro, retomado somente por volta de 1523 na Alemanha, e no ano de 1525 na Bélgica. Ao contrario, os geógrafos ensinavam que não muito além, a oeste, se encontrava um vasto mar, entre as costas orientais da Ásia e a costa ocidental das novas terras".

"Os espanhoes estavam persuadidos da existência de dois ou três estreitos. Elles collocavam um entre a Flórida e a Terra Nova: é aquelles que Estêvão Gomes tentou descobrir em 1525. Um outro, no istmo de Darien: elle figura ainda num mapa-múndi, naquelle de Maggiolo de 1527, mas com a sábia legenda — **Stretto dubitoso**. Quanto ao terceiro, admitido por todos os cosmógrafos, hypotheticamente assinalado na maioria dos globos da época — e o único que Carlos V quis então encontrar, visto que estava mais ao sul e seria o verdadeiro caminho para o país do cravo — havia sido procurado em uma grande parte da costa meridional. Solis havia pago com a vida a prova de que o estuário do Prata não levava à passagem. Em realidade, é a partir somente de 50 graus de

latitude sul, que a exploração devia ser começada, seguindo um litoral que não era tido como perigoso e que de fato não o é”.

“Vejamos agora se a hipótese de Magalhães, realizada a 28 de novembro de 1520, mas cujos resultados só foram conhecidos na Europa em setembro de 1522, não tem ainda uma outra origem”.

“Dois mapas-múndi e sete globos terrestres construídos de 1509 a 1520, preciosos monumentos da geografia que nos chegaram intactos, representam a América do Sul quase igual como nos mapas desenhados em nossos dias (7). Isto é, esta parte do continente tem a forma triangular, com as costas orientais e ocidentais muito precisas e terminando em ponta. Em quatro desses globos desenhados entre 1515 e 1520, vê-se também as terras austrais separadas do continente, como é na realidade, por um estreito de pequena largura. Ainda mais. Magalhães consultou um documento gráfico desse gênero e nele se inspirou. Pigafetta, que fez parte da expedição, relata que o grande navegador português *“dist quil y auoit vng aultre estroit pour saillir, et dist quil le scauoit bien pource quil lauoit veu par vne carte marine du roy de Portugal. La quelle carte vng grand pilot et marinier nommé Martin de boesme auoit faicte”* (8).

Além disso, uma relação de viagem, impressa em Augsburg mais ou menos em 1514, contém detalhes referindo-se a exploração do estreito austral; e esses estreitos inspiraram Johann Schöner a dar nos seus globos, a partir de 1515, a configuração que deu ao continente sul americano” (9).

“Entretanto não acreditamos que Magalhães tenha seguido a esteira de outros navegadores com conhecimento de causa. Mas tudo isso evidencia que a concepção da viagem de Magalhães não foi nem nova nem maravilhosa. Em realidade, ela não foi mais que a continuação de uma empresa em que todas as balizas estavam colocadas desde vinte anos; que em lugar de ir ao encontro do pré-julgado ou de opiniões adversas, era essa empresa aprovada por todo o mundo. A este respeito, a viagem de Magalhães não pode certamente ser comparada com aquela de Colombo. Ela é mesmo inferior à expedição de Bartolomeu Dias, durante a qual este navegador descobriu e dobrou o cabo da Boa Esperan-

---

(7). — *Cartographia Americana Vetustissima*, terceira parte do nosso *Discovery of North America*.

(8). — Relação de Pigafetta. Manuscrito da biblioteca de Fontainebleau, conservado na Biblioteca Nacional, gabinete dos manuscritos franceses, 5650 et 24224.

(9). — *Magalhães-Strasse und Austral-Continent auf den globen des Johannes Schöner*, von Dr. Franz Wieser, Innsbruck, 1831.

ça, sendo que Vasco da Gama que recebeu as glórias, nada mais fez que terminá-la”.

“O projeto de Cornélio Schouten, recompensado pela descoberta do estreito de Lemaire, parece-nos também mais engenhoso e mais científico que aquêlê do célebre marinheiro português. A idéia de que a Terra do Fogo não faz parte das regiões vizinhas do polo sul, como mostravam todos os mapas; que ao contrário ela se encontrava separada por um estreito praticável; as razões sôbre as quais se apoiava o navegador holandês para tentar encontrar a passagem, tudo denota uma intuição e idéias cosmográficas de primeira ordem, que não se encontram em Magalhães”.

“Ora, o mérito das grandes emprêsas se mede de início pela amplitude da concepção; em seguida pela somma de iniciativas. A execução, isso é sabido, não é que um fato inferior, se bem que essencial. Resta a crédito de Magalhães, isso ninguém contesta, sômente a firmeza e a arte de navegar da qual deu prova admirável. Mas é praticar uma injustiça flagrante não reconhecer essas qualidades nas expedições de Dias, de Colombo e de Schouten. Releia-se o diário de bordo do grande Genovês, por mais resumido que seja, assim como os relatos de Barros e de Aris Classe! Que se considerem os mesquinhos recursos de que dispunham êstes três navegadores comparados sobretudo com o magnífico equipamento da frota comandada por Magalhães! Quanto aos resultados práticos de sua memorável viagem e ao bem que sortiu, nenhum historiador imparcial pensará em confrontá-los com os resultados das descobertas da América, do cabo da Boa Esperança e do estreito de Lemaire. E’ verdadeiramente não ver se não o pequeno lado das coisas, ligar uma tal importância ao fato material às aparências da primeira navegação ao redor do mundo”.

“Podemos fâcilmente prosseguir neste paralelo e mostrar o que de injusto e de exagerado existe nos louvores prodigados hoje em dia a Magalhães, em detrimento da glória que no todo pertence a Colombo. Mas cremos ter dito o bastante sôbre êste assunto”.

\* \* \*

Não há a menor dúvida de que Henry Harrisse tem tôda a razão quando, por amor à verdade, reduz às suas naturais proporções a viagem de Fernão de Magalhães ao redor do mundo.

Há, todavia, uma grande lacuna no estudo do notável americano, tal aquela de silenciar a valiosa contribuição que,

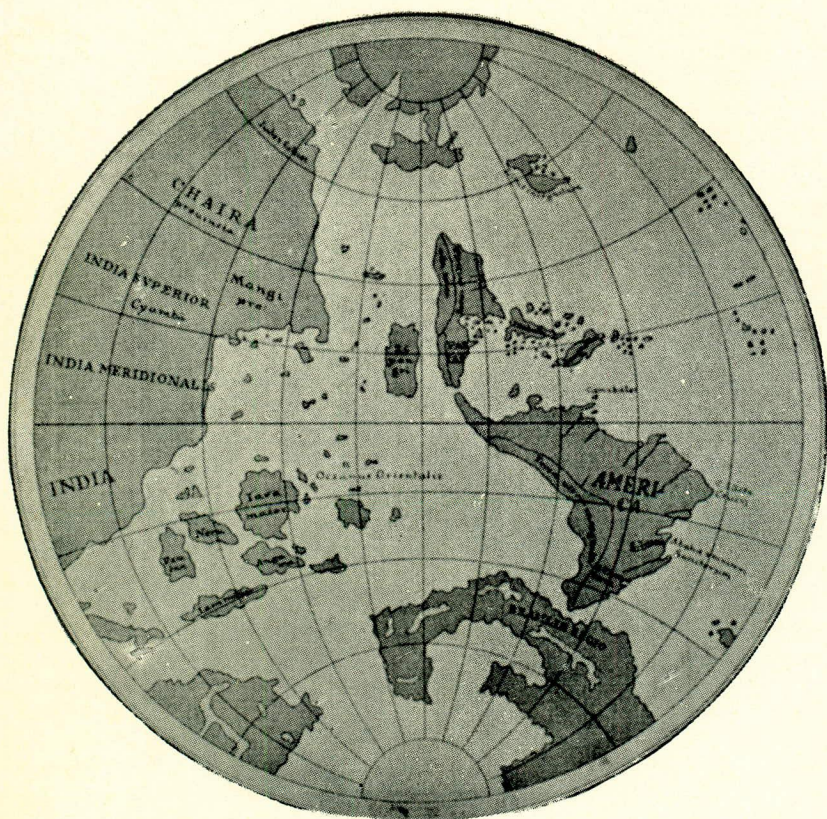
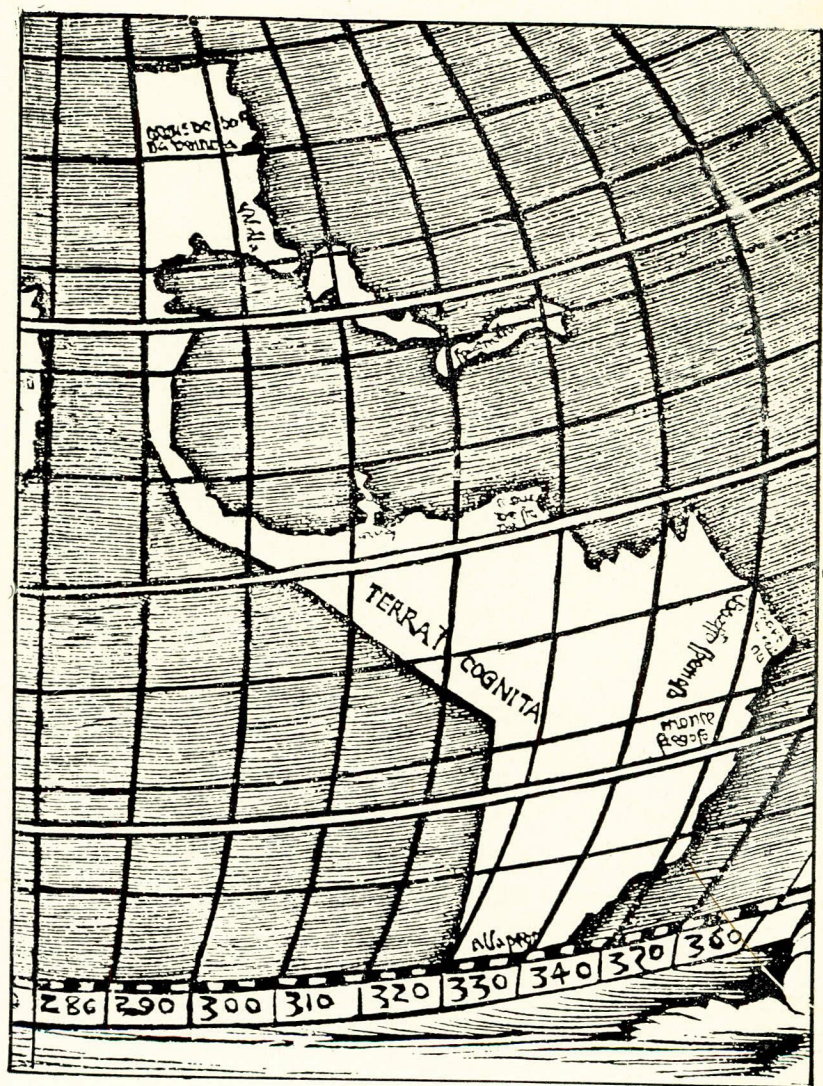


Fig. 1. — A América e a Ásia no globo de João Schöner, desenhado em 1515. Nota-se as terras austrais da América separadas do continente por um estreito, como é na realidade.





117-1.—Mapa en el que aparecen juntos y por primera vez, los continentes de la América del Sur y del Norte. Realizado por J. de Stobnicza y publicado en *Introductio in Ptolomeum*, Cracoviae, 1512.

Fig. 2. — Mapa desenhado em 1512 em Cracóvia por João Stobnicza, que acompanha a *Cosmographiae Introductio* de Ptolomeu. Nota-se a forma triangular da América do Sul com as costas orientais e ocidentais muito nítidas e terminando em ponta.



para o encôntro do almejado estreito, deu o florentino Amerigo Vespucci. Vamos recordá-lo aqui.

Este navegador e cosmógrafo foi, no seu tempo, quem maior extensão percorreu do litoral leste da América do Sul, visto que na expedição de 1499-1500 foi desde seis graus e meios de latitude sul até a foz do Madalena, e naquela de 1501-1502, desde o cabo de São Roque até 50 graus de latitude sul. Portanto pôde ter uma segura visão das terras do Ocidente, melhor que os demais navegadores, daí resultando a sua concepção geográfica de que elas não eram a parte oriental da Ásia, mas sim um continente interposto entre as costas ocidentais da Europa e África e a oriental de Catay.

De volta a Lisboa, teria o Florentino exposto ao rei D. Manuel a sua idéia de serem procuradas as Molucas transpondo um estreito que devia existir na extremidade sul do novo continente. Seja porque os cosmógrafos portugueses julgavam mais viável atingir êsse arquipélago pela rota do Oriente, seja porque o caminho proposto era privativo de Castela pelo Tratado de Tordesilhas, seja por qualquer outro motivo plausível, o certo é que o projeto de Vespucci foi recusado e as terras por êle exploradas foram arrendadas, como sabemos, aos judeus conversos, então chamados **cristãos novos**.

Em consequência disso, voltou o Florentino à Espanha e expôs aos Reis Católicos o seu projeto que foi muito bem acolhido e ao qual se dedicou até à morte.

Segundo Piero Rondinelli (10), Vespucci teria regressado à Espanha em outubro de 1502, mas só a partir de 5 de fevereiro de 1505 é que podemos conhecer da sua atividade contínua nos serviços da **Casa de Contratación** e da **Côrte**, de início como perito e depois como **Piloto Mayor**, organizando expedições de descobertas e, sobretudo, para a procura da desejada passagem a sudoeste.

O notável historiador e geógrafo italiano Alberto Magnaghi (11) nos relata com fidelidade qual foi a atuação de Vespucci em se tratando da procura da ambicionada passagem para oeste pelo extremo sul da América Meridional. Ouçamo-lo:

“Entre os conhecimentos obtidos devido às viagens de Vespucci, o que mais podia interessar a Espanha era que na nova terra o ponto extremo atingido ao sul se achava a diversos graus a oeste da linha de demarcação, pelo que à Espanha pertencia o direito de procurar aí a

10). — **Raccolta Colombiana**, parte III, volume II, páginas 120 e 121.

11). — Alberto Magnaghi, **Amerigo Vespucci**, studio critico, Roma, 1924, páginas 236 a 245 do segundo volume.

passagem. Assim, Vespucci depois de ter recebido em abril de 1505 a carta espanhola de naturalização, teve logo o encargo de preparar com Pinzon uma frota “para ir á descobrir el nacimiento de la especiaria”. Isso foi, segundo Navarrete (12), o resultado da conferência que Vespucci teve com a Côrte. Ora, é supérfluo repetir que, depois de ter atingido uma latitude tão austral sem ter encontrado nenhuma região das especiarias, Vespucci devia necessariamente ter trocado de idéia com relação a pertencer à Ásia a nova terra: Catigara (cabo) era colocado por Ptolomeu a 9 graus ao sul e a península de Malaca, que antes da viagem de Diogo Lopes de Serqueira a Málaca e Sumatra em 1509, figurava sempre nos mapas terminando a 33 graus ao sul. Depois êle sabia com certeza que a terra que tinha explorado não mais podia fazer parte da Ásia, e que para atingir a terra das especiarias (onde bastante mais tarde, em 1511, chegou primeiro Antônio de Abreu), necessitava dobrar ao sul a massa continental por êle explorada até 50 graus de latitude sul, e subir depois o novo oceano situado no outro lado a sudoeste. Pelo que não mais ficava isolado somente Cipango, como na concepção de Toscanelli e Martim Behaim, em um único oceano; mas entre dois oceanos ficava a América do Sul. Desta se ignorava ainda, naturalmente, a forma a oeste, mas a sua configuração triangular se vê adivinhada e audazmente desenhada **em globos anteriores de um decênio à viagem de Magalhães**, como nos de Stobnicza e Glareano, e ainda em documentos cartográficos anteriores, como no mapa de Waldseemüller de 1507 e no de Ptolomeu de Bernardo Silvano da Eboli de 1511, onde há um mundo novo nitidamente assinalado ao sul, ao passo que ao norte flutuam ainda massas insulares indistintas, que só raramente dão idéia de constituir uma única terra. E o traçado, que aparece em alguns, de uma rota navegável para a Índia por sudoeste, em documentos cartográficos anteriores a 1519, não é talvez simplesmente oriundo de especulações teóricas, deduzidas por analogias, pelos cosmógrafos com base em simples descrições de viagens, mas de elementos de um mapa que provavelmente o próprio Vespucci tenha desenhado”.

“Ninguém tinha atingido aquela latitude depois do Florentino, e em vista do projeto por êle idealizado ter sido acolhido e prosseguido com tanta insistência pela Espanha, de 1505 a 1519, temos quase a certeza de que aquêle homem devia ter encontrado ou o princípio do estreito, ou qualquer elemento, qualquer indicio positivo

---

(12). — Navarrete (Martín Fernandez de), *Collección de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los Españoles desde fines del siglo XV*. Madrid 1825-1829, volume II, página 321.

da sua existência. Quem sabe se êle o advinhou pelo contínuo e rápido curvar da costa para oeste, e dêsse constante adelgaçamento pôde compreender que a massa continental estava próxima do seu têrmo; ou também, sabendo que a África terminava a 34 graus sul e que a Ásia acabava, segundo o que se sabia da península de Málaça, a 33 graus, deduziu teoricamente que a nova terra não podia ir muito além; quiçá também percebeu que os rios se tornavam cada vez menos extensos e menos profundos. Não sabemos, nem tão pouco queremos fazer de Vespucci um homem mais importante do que êle foi. Mas podemos pensar: que a Magalhães não bastava estar convencido de que as Molucas estavam no hemisfério espanhol; que a Espanha não teria arriscado uma expedição como aquela da procura da passagem a sudoeste, se o seu **Piloto Mayor** não a tivesse deixado da posse de elementos que faziam prever um resultado feliz”.

“Os preparativos da primeira expedição duraram longo tempo. Um documento de 15 de setembro de 1505 (13), informa ao rei Filipe I que a frota, ordenada pelo rei Fernando, não podia partir antes de fevereiro de 1507. Trata-se de uma carta dos oficiais da **Casa de Contratación** confiada ao próprio Vespucci “el cual va informado de todas las circunstancias de la dicha armada, y lleva memorial de las cosas que se han de prover demas de lo que esta ya proveido”. Vespucci aparece aqui como homem de confiança da **Casa de Contratación**; êle leva consigo também cópia dos memoriais expedidos pelo governador e pelos oficiais da Espanhola. Nessa ocasião lhe foi confiada uma “Memoria de los oficiales de la **Casa de Contratación** para o capitán Amerigo Vespuche” (14) contendo instruções de caráter reservado, e sobretudo o encargo delicadíssimo de colher informações sôbre a correspondência trocada entre os dois soberanos — Fernando e Filipe. Mas o objetivo e o destino dessa expedição devia levantar suspeitas e provocar queixas da Côrte Portuguesa, o que moveu o Govêrno Espanhol a suspendê-la, destinando a outro uso os três navios que se apresentaram na Biscaia: dois foram mandados à Espanhola, e o terceiro serviu para a viagem de Pinzon-Solis à Honduras em 1508” (15).

“A 7 de novembro de 1507 o Rei convidou Vespucci e Juan de la Cosa para irem a Burgos, onde já se achavam o bispo Fônsaca, Vicente Yañez Pinzon e Juan Dias de Solis. O resultado dessa **Junta** foi mantido em segre-

---

(13). — Navarrete, obra citada, volume II, páginas 317-318.

(14). — Navarrete, obra citada, volume II, página 319.

(15). — Navarrete, obra citada, volume II, página 322.

do, mas segundo Denucé (16), as seguintes deliberações foram tomadas: 1.º — nomeação de um **Piloto Mayor** que foi feita a 22 de março de 1508; 2.º — envio de Solis-Pinzon (carta real de 23 de maio de 1508) ao norte de Verágua com o encargo de procurar um canal ou mar aberto que fôsse ter a mares mais occidentais; 3.º — expedição de Nicuesa e la Cosa a Darien. Pelo que diz respeito ao segundo objetivo, sabe-se que a dualidade de comando redundou no fracasso da expedição, tanto que Solis ao voltar para Sevilha em 1 de novembro de 1509 foi prêso (17). Quanto ao terceiro, em dois documentos de Francesco Corner, embaixador de Veneza na Espanha, respectivamente de 19 de junho a 16 de julho de 1508 (18), têm-se duas notícias relativas a Vespucci: a primeira diz que o Rei deu 19 mil ducados a “Amerigo e Juan Biscainho (la Cosa), os quais vão a sua custa tomar posse das ilhas recentemente achadas, as quais êles chamam terra firme”. Mas evidentemente Vespucci não deve ter tomado parte na expedição, porque no segundo documento de data posterior, Corner afirma que “Amerigo Florentino que é aquêle que vai descobrindo as ilhas, me disse que é para ir prover-se de bons navios em Biscaia, os quais todos, parece, quer revestir de chumbo e **ir pela rota do poente encontrar as terras que encontram os portuguezes navegando pelo levante**, e partirá infalivelmente êste mês de março (entende-se do próximo ano)”. O encargo de realizar a viagem foi aceito por Solis, mas o rei de Portugal protestou contra essa expedição e a viagem foi adiada *sine die*. Além disso, consta que o Governo Português procurou atrair ao seu serviço reputados pilotos espanhóis, sendo que Herrera (19) diz que em 1511 os portuguezes procuraram obter mapas de Vespucci”.

“Depois da conquista de Málaga houve um despertar de atividade da parte de Portugal, pois parece que começaram a espalhar noticias que Málaga estava no hemisfério occidental; e constava que êsse conceito tinha partido, precisamente, pela primeira vez, de Vespucci, pois que em um mapa-múndi de forma esférica o navegador florentino tinha situado **Maluca** no hemisfério espanhol. Isso se deduz da carta que Alonso Cuaco enviou

- 
- (16). — Denucé (Jean), *Magellan, la question des Moluques et la première circumnavigation du globe*. Memoires de l'Academie Royale de Belgique, classe des Lettres et des Sciences Morales. Deuxième Série. Tome IV, Bruxelles, 1911, página 62.
- (17). — Herrera y Tordesilla (Antonio), *Historia General de los Hechos de los Castellanos*, etc. Madrid, 1725-1730, volume I, capítulo VII, página 9.
- (18). — *Raccolta Colombiana*, parte III, volume I, páginas 94 e 95.
- (19). — Herrera, obra citada, volume I, capítulo VIII, página 112.

ao rei da Espanha, datada de São Domingos a 22 de junho de 1518, publicada nos **Documentos Inéditos da Índia**, 1, 1, 296-1883". "Vespucci morreu a 22 de fevereiro de 1512; e a êle succedeu, no cargo de **Piloto Mayor**, Juan Dias de Solis, o qual pôde realizar em 1515 a viagem que tinha sido por largo tempo projetada e preparada pelo seu antecessor, viagem, como é sabido, de resultado infeliz, porque Solis foi morto e devorado pelos selvagens na costa do Prata".

Estamos habituados a ler e mesmo a ouvir os maiores apodados à memória de Amerigo Vespucci, principalmente dos historiadores portugueses, mas os seus detratores por mais tratos que possam dar à imaginação visando ridicularizá-lo, não podem contestar que três prioridades lhe pertencem:

1.º) — ter revelado que as terras do Ocidente, ao contrário da concepção colombiana aceita por todos os cosmógrafos, não eram a extremidade oriental da Ásia, mas sim um novo mundo, um continente interposto entre as costas ocidentais da Europa e África e a oriental da Ásia;

2.º) — opinar que êsse continente podia ser transposto na sua extremidade sul por um estreito que aí devia existir;

3.º) — sustentar, apesar de errar em alguns graus, que as Molucas se achavam, de acôrdo com o Tratado de Tordesilhas, no hemisfério espanhol.

**T. O. MARCONDES DE SOUZA**

Da Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo e da  
Société des Américanistes de Paris.